

PREPARO DO SOLO

CARLOS TEIXEIRA MENDES
Prof. catheo atico de Agricultura Especial

Subentendemos sob o titulo acima as operações que têm por fim preparar um solo para receber uma sementeira, deixando de lado os casos especiaes de drenagem, irrigação, e mesmo os de destocamento, aos quaes não queremos nos referir neste momento.

Um bom preparo do solo é meio caminho andado para uma bôa produção.

Se me perguntassem, de um modo geral, sem restrições nem especificações de culturas e de solos, qual o melhor adubo, eu responderia: em primeiro lugar o decorrer da estação — o clima, em segundo o arado, em terceiro os “tratos culturais”, em quarto a escolha da semente e em ultimo lugar os adubos propriamente ditos.

Como porem não podemos legislar sobre o tempo, o arado fica para esta comparação ocupando o primeiro lugar.

Um bom preparo do solo, repetimos, é meio caminho andado para uma bôa produção, ou melhor, para uma produção economica.

Esse bom preparo da terra deve começar por *evitar o fogo*. E' uma pratica erradissima essa de nosso agricultor de diminuir trabalhos ateando fogo em *tigueras, restos de culturas, palhaças* etc.

E' preciso combater essa pratica por todos os meios, é imprecindivel que tomemos outro caminho.

Onde puder entrar o arado, onde o terreno já estiver desbravado, não se admite a queimada a não ser em casos especiaes.

Lavar uma terra cheia de restos de culturas anteriores é de fato mais trabalhoso, mas se o agricultor fizesse ideia do prejuizo que tem com essas queimadas, preferiria, mil vezes, ter esse trabalho porque sua recompensa seria certa.

Uma das causas desse fogo anual é o nosso agricultor resumir o preparo de sua terra a uma unica lavra e portanto, quando vae practical-a, encontra todos os restos da cultura anterior e mais a vegetação espontanea de hervas más que acumulada áqueles restos, dificulta demasiado o seu enterrio.

O fogo destroe essa vegetação, isso que chamamos de *materia organica*, e essa materia organica é a vida das terras. Queimal-a é empobrecer o solo, é matal-o; é transformar em poucos annos, uma terra bôa em terra *cançada*, em sapezaes ordinarios.

O fogo, esse inimigo de nossa agricultura, pode ser evitado com o emprego de machinas agricolas, usadas em epochas proprias.

Vejamos como se deve praticar esse preparo do solo com todas as vantagens.

Suponhamos uma cultura de milho pronta para ser colhida em Abril ou Maio. Concluida a colheita, faça-se o acamamento dos restos dessa cultura por qualquer processo: uma *grade de discos*, (1) ou em sua falta um *rolo* de madeira ou um *pranchão* proprio; se não se dispuzer de nenhum desses instrumentos, execute-se essa operação a foice, ou, se nem esse trabalho quizermos ter, soltem-se nesse terreno algumas cabeças de gado que eles se incumbirão de amassar esses restos.

Não é crível que nenhum desses processos seja applicavel ao caso, mas se não o for, invente-se outro qualquer que evite o fogo.

Feito o acamamento, nesse mez de Maio ou mesmo Junho, faça-se uma primeira lavra o *mais bem feita que for possível*, isto é, que atingindo uns quinze centimetros de profundidade, vire bem a terra, e que enterre o *mais possível* aqueles restos, matos etc.

Grifamos duas expressões muito propositalmente porque o nosso "*mais possível*" ha de ser sempre muito relativo, porquanto a perfeição desses trabalhos será tambem inversamente proporcional aos impecilios e dificuldades que encontrarmos para a sua realisação.

(1) E' muito comum chamar-se de "grade de discos" a machina agricola que de fato é um "destoroador" de discos.

Uma lavra dessas deixará sempre muito a desejar, mas o seu fim principal é preparar o solo para um trabalho futuro mais facil e mais perfeito. Assim lavrada, seja a terra abandonada durante os mezes de inverno (Junho, Julho e Agosto) que ela por estar trabalhada só tende a melhorar.

Depois, quando estivermos em fins de Setembro, ou melhor, depois das primeiras chuvas do fim desse mez ou de principios de Outubro, pratique-se uma segunda lavra. Esta será tanto mais perfeita e *mais facil* quanto mais bem feita tiver sido a da primeira epoca (Maio-Junho).

Já estamos a ouvir a objeção de que estipulamos epocas muito tardias para a sementeira, mas isso não procede, em primeiro logar porque as estabelecemos como as melhores para uma seriação regular para o nosso clima mas não obrigatoria e em segundo logar porque se o nosso pratico prefere semear mais cedo, não deixa de estar muito errado para as nossas principaes culturas, pelo menos para o arroz, milho e algodão.

Mas, continuemos: Suponhamos que concluimos hoje a aradura do solo. Contem-se mais uns dez ou doze dias, passe-se o pranchão ou uma grade qualquer, e só depois desse interregno ou tempo maior faça-se a sementeira.

Isto porque esse espaço de tempo, entre uma operação e outra, facilita a destruição de hervas más o que redundá em menos trabalhos posteriores. Do mesmo modo, essa pratica evita que se semeie muito proximo ao enterrio da materia organica, o que é sempre inconveniente mesmo que se trate só de materia organica sêca.

Para este ponto chamamos a atenção do nosso agricultor e repetimos: *uma sementeira logo após o enterrio de materia organica abundante, quer sêca, mas muito principalmente quando ainda verde, é sempre prejudicial; prejudica o nacimiento das plantas, quer diminuindo a sua porcentagem, quer comunicando ás que nadem um aspeto raquítico.*

Isto é verdade para todas as sementes em geral e muito especialmente para as oleaginosas como as de algodão.

*
* *

Para o preparo do solo, diremos de passagem, que ha inumeros tipos de arados e charruas, e que dentre eles deve-se

fazer uma distinção bem grande entre o trabalho dos de aiveca e dos de discos.

Estes, muito mais caros que aqueles, de conservação incomparavelmente mais dispendiosa, exigindo sempre tres muires para sua tração, são indiscutivelmente os mais aconselháveis para os terrenos cobertos de vegetação ou restos de cultura, como no caso de nossa primeira lavra; aqueles, os de aiveca, mais baratos, mais simples, tirados por dois ou tres animaes, produzem trabalho melhor em terrenos desembaraçados daqueles êmpedilios, como na segunda lavra de nosso caso. De modo que o completo seria adotar-se um arado de discos para a primeira lavra e um de aiveca para a segunda.

Em virtude porem disso ficar mais caro, e poder estar fora do alcance do pequeno agricultor, adote ele um mesmo tipo de arado, e no caso de preferir o de aiveca por uma questão de economia, não deixe nem por isso de praticar as duas lavras de que aqui tratamos. Prefira esse trabalho para evitar o fogo e para melhorar sua produção.

Não ha relação alguma entre o seu trabalho e a propriedade que têm os arados de serem ou não serem *reversiveis*, quer sejam de aiveca, quer sejam de discos.

Essa qualidade, em relação á perfeição e ao rendimento de trabalho só se liga á topographia dos terrenos: nos muito íngremes, prefiram-se os reversiveis, porque os que não o forem, produzirão trabalho menos rendoso e mais imperfeito; em terrenos horizontaes, ou quasi, é indiferente o seu emprego.

Não se tratando de enterrar materia organica, o trabalho de um arado de aiveca é, em egualdade de condições, não só mais perfeito, como muito mais barato que o do de discos.

8/11/931.

Carlos Teixeira Mendes

NA Suecia chegou-se a augmentar a quantidade de leite e ao mesmo tempo a exceder de 4 % a materia gorda aproveitando a faculdade hereditaria de reproductores seleccionados.

P. DÉCHOMBRE